

U. PORTO

incipit¹

WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO
2009-10

GIHM

GRUPO INFORMAL DE
HISTÓRIA MEDIEVAL



U. PORTO

think medieval

COORDENAÇÃO DE
FLÁVIO MIRANDA E JOANA SEQUEIRA

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA DIGITAL, 2012

Grupo Informal de História Medieval
CITCEM, Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

Incipit 1
Workshop de Estudos Medievais da Universidade
do Porto, 2009–10

COORDENADORES

Flávio Miranda
CITCEM, Universidade do Porto

Joana Sequeira
CITCEM, Universidade do Porto

Porto, 2012
Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital
ISBN: 978-972-8932-94-7

Apoio:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

 **CITCEM**
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

U. PORTO

Ficha técnica

Título: Incipit 1. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2009–10

Coordenadores: Flávio Miranda, Joana Sequeira

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2012

ISBN: 978-972-8932-94-7

Capa: Flávio Miranda

Grupo Informal de História Medieval

CITCEM, Universidade do Porto, Faculdade de Letras

Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

SUMÁRIO

Lista de autores	vii
<i>Incipit</i>	ix
Filipa Lopes O Domínio Fundiário do Mosteiro de Paço de Sousa nos séculos XI e XII. Apresentação de um Projecto de Dissertação de Mestrado em História Medieval.....	1
Giulia Rossi Vairo <i>Pro Salute Animae</i> : a peregrinação do rei D. Dinis a Compostela.	9
João Costa Palmela nos finais da Idade Média. Estudo do códice da Visitação e Tombo de propriedades da Ordem de Santiago de 1510. Apresentação do projecto de Mestrado	23
Thiago Borges Da sacralidade à centralidade: breve análise comparatista acerca das representações cartográficas da cidade de Jerusalém nos mapas-múndi medievais do século XIII.....	31
Helena Regina Lopes Teixeira Elites Sociopolíticas na Urbanização do Porto no Final da Idade Média.....	45
Maria Amélia Álvaro de Campos Estudar uma Colegiada Urbana Medieval no contexto de um projecto de doutoramento.....	57
Marta Dias A Liturgia dos Defuntos na Arte Funerária Medieval	65
Rita Nóvoa As atitudes face à doença no Portugal dos séculos XIV e XV: a lepra, os leprosos e as leprosarias.....	77
Gonçalo Graça Portugueses na Biscaia nos finais da Idade Média.....	89
Helena Pizarro A Rua Nova na cidade do Porto entre os séculos XV e XVI: urbanismo, construção e sociedade	99

LISTA DE AUTORES

Thiago Borges

Universidade de Lisboa

Maria Amélia Álvaro de Campos

Universidade de Coimbra

João Costa

CEH, Universidade Nova de Lisboa

Marta Dias

CITCEM, Universidade do Porto

Gonçalo Graça

Universidade da Cantábria

Filipa Lopes

CITCEM, Universidade do Porto

Rita Nóvoa

IEM, Universidade Nova de Lisboa

Helena Pizarro

Universidade do Porto

Helena Teixeira

CITCEM, Universidade do Porto

Giulia Rossi Vairo

IHA, Universidade Nova de Lisboa

INCIPIT

Mais de dois anos depois da realização do primeiro Workshop de Estudos Medievais (WEM), é finalmente publicado o volume inaugural que reúne os textos apresentados e discutidos pelos oradores das edições de 2009 e 2010. Organizado pelo Grupo Informal de História Medieval da Universidade do Porto, com a colaboração do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM), e do Curso de Mestrado em História Medieval e do Renascimento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o WEM é um fórum anual de discussão científica destinado a mestrandos e doutorandos em Estudos Medievais.

Este volume não é temático. Nas primeiras duas edições do WEM foram debatidas questões relacionadas com as ordens militares, história urbana, arte funerária, cartografia histórica, e questões sobre os portugueses como estrangeiros, domínios fundiários de mosteiros, colegiadas urbanas e a lepra em Portugal na Idade Média. Os leitores encontrarão aqui um conjunto de trabalhos em estado embrionário: são ideias de um projeto, hipóteses de investigação e resultados preliminares de estudos de história, história da arte e cartografia histórica. Para alguns dos autores, esta é mesmo a sua primeira publicação científica. Daí que *Incipit* seja o título adequado para este volume – por representar um começo e poder ser o princípio de uma carreira de investigação.

Este volume é o produto do trabalho dos mestrandos e doutorandos que participaram no WEM, cujos textos foram apreciados numa primeira fase por professores de várias universidades portuguesas, para estes que os pudessem melhorar e desenvolver. O nosso primeiro obrigado é endereçado aos autores e a todos os professores que contribuíram com a sua experiência e conhecimento nas sessões do WEM. Os editores querem ainda agradecer a todos os membros do Grupo Informal de História Medieval, ao Professor Luís Miguel Duarte e à Professora Cristina Cunha (então diretora do curso de mestrado de História Medieval e do Renascimento); ao Professor Gaspar Martins Pereira, pelo apoio do CITCEM a esta iniciativa, e à Dr.^a Paula Montes Leal, pelo excelente trabalho na organização. Gostaríamos ainda de agradecer o apoio financeiro concedido pela Reitoria da Universidade do Porto e a Fundação para a Ciência e a Tecnologia para a organização do WEM e publicação deste volume.

Porto, novembro de 2011
Flávio Miranda
Joana Sequeira

A Liturgia dos Defuntos na Arte Funerária Medieval

Marta Miriam Ramos Dias
CITCEM, Universidade do Porto

Resumo

O acrescento do Purgatório ao imaginário medieval do Além conduziu a uma agudização do temor do destino *post mortem* e processou uma alteração nas atitudes perante a morte. Os crentes tentaram assegurar a minimização do tempo de passagem pelo Purgatório, através das disposições testamentárias, onde são estabelecidas as formas de intercessão pela alma. A escassez de fontes para a temática em estudo deve ser contornada através de fontes alternativas e para isso é feita uma análise da evolução da liturgia dos defuntos e de práticas para-litúrgicas. A preocupação com o túmulo foi notória, como se pode comprovar através das representações encontradas nos arcazes que apresentam figurações intimamente ligadas com a liturgia. Foi atribuído particular relevo ao programa iconográfico de Cristo Pantocrátor rodeado pelos apóstolos e a figuras a quem foi delegada a tarefa de velar pela alma do falecido.

Abstract

Adding Purgatory to the medieval imaginary of Beyond led to a greater concern with the afterlife's fear and to a change of attitudes towards death. Believers tried to ensure a minimum time of passage through Purgatory in their testaments, establishing the forms of intercession for the soul. The lack of sources for the theme being studied must be overcome through alternative means and for that is made an analysis of the liturgy of the dead and *pseudo*-liturgy practices. The concern with the tomb was quiet obvious, shown in the representations found on the arks presenting scenes intimately related with liturgy. Special importance was given to the iconographic program of Christ Pantocrátor surrounded by the apostles and to characters to whom was assigned taking care of the departed's soul.

A criação de um espaço privilegiado para sepultura de notáveis e poderosos foi um dos factores que mais contribuiu para a existência de obras de arquitectura excepcionais, verdadeiros símbolos da sua época, ao mesmo tempo que contribuiu decisivamente para a contínua transformação da topografia dos templos, fazendo com que os projectos perdessem a sua homogeneidade original e adquirissem, por vezes, formas labirínticas de confusa articulação, como refere Bango Torviso em “El espacio para enterramientos privilegiados en la arquitectura medieval española”.¹

Os monumentos funerários da Idade Média inseridos nestes espaços apresentam programas iconográficos que materializam as preocupações com o destino da alma. Esta nova temática é impulsionada pela paulatina inclusão do Purgatório como terceiro lugar na topografia do Além. “Esta emergência, esta construção secular da crença no Purgatório supõe e provoca uma modificação substancial das perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão”.²

O crente tratava em vida de tomar as precauções que assegurassem um desenlace positivo no destino do *post mortem* através, sobretudo, das disposições testamentárias que trataremos mais adiante.

¹ Isidro G. Bango Torviso, “El espacio para enterramientos privilegiados en la arquitectura medieval española” in *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, 93, (Madrid: Universidade Autónoma de Madrid, 1992).

² Jacques Le Goff, *O nascimento do Purgatório* (Lisboa: Editorial Estampa, 1995), 15.

Marta Cendón, que tem estudado as atitudes dos bispos perante a morte através dos seus testamentos, refere que nestes documentos também se faz menção aos cortejos fúnebres porque o funeral é fundamentalmente um acto público, em que se manifesta a glória e a importância daquele que se insere numa linhagem prestigiada, que se encontra entre uma elite.³ Observamos em alguns programas iconográficos, de uma forma mais clara em alguns túmulos na Galiza – como o sepulcro do *bispo desconhecido* na Catedral de Ourense e o sepulcro de D. Lope de Fontecha na Catedral de Burgos – mas também de uma forma mais subtil em peças nacionais, a transposição deste acto público e também de momentos específicos da Liturgia dos Defuntos nas representações figurativas, quer nos arcazes, quer nos arcossólios que envolvem os túmulos.

Encontra-se, nos conjuntos sepulcrais, a presença dos intercessores pela alma que foram referidos nos testamentos. No início da Idade Média, são frequentes as cenas da Vida de Cristo e/ou de Maria, assim como representações das cerimónias e exéquias. Nos finais desta época, tende a individualizar-se determinados personagens realçando as devoções pessoais.⁴

O PURGATÓRIO: PROPULSOR DA IMAGÉTICA

Na Alta Idade Média, não existia a noção de juízo individual da alma. Em vez disso, acreditava-se no julgamento colectivo dos cristãos.

O julgamento individual e a incerteza sobre o paradeiro da alma, desde a morte do crente até ao dia do Juízo Final, propiciaram o desenvolvimento de um terceiro lugar de permanência da alma – o Purgatório, cuja criação remontará ao século XII e que teve o seu auge no século XIII, quando surgiu na forma de substantivo. Este local é definido como “um além intermédio onde certos mortos passam por uma provação que pode ser abreviada pelos sufrágios – ajuda espiritual dos vivos”.⁵

A necessidade dos vivos intercederem pela alma dos mortos vai constituir um dos principais factores de motivação para a receptividade com que o Purgatório será acolhido no imaginário dos cristãos medievais. Por conseguinte, recorre-se a processos para minimizar a passagem pelo Purgatório. Deste modo, nada mais era na mente do crente medieval do que um Inferno temporário.⁶ Sabendo que ia agonizar profundamente pelos castigos infligidos, bastava desejar que a sua estadia no Purgatório fosse o mais breve possível. Esta minimização do tempo de passagem no Purgatório estava no poder dos vivos através das orações, missas, indulgências e sufrágios: “Os mortos frequentam um espaço incerto entre a terra e o espaço divino. Lá esperam dos seus amigos e parentes, ajuda, um serviço, orações, gestos litúrgicos capazes de aliviar as suas penas”.⁷

O falecido tinha em vida a possibilidade de se precaver para o seu futuro incerto através do testamento. As doações testamentárias para as igrejas e mosteiros eram extremamente generosas, pois eram a forma de assegurar uma assistência contínua ao defunto que transpunha a barreira (cada vez mais diluída neste período) entre o mundo dos mortos e o convívio dos vivos.

Os rituais de assistência à alma no Purgatório, mas também os de preparação da alma do moribundo e os de acompanhamento do funeral e sepultamento, foram regulamentados através dos cânones estipulados para a liturgia dos defuntos.⁸

³ Marta Cendón Fernández, “La muerte mitrada. El sepulcro episcopal en la Galicia de los Trastámara” *Muerte y ritual funerario en la historia de Galicia*. Semanata Ciencias Sociais e Humanidades, nº17, (2006): 163.

⁴ Marta Cendón Fernández, “Los Santos de su devoción: aspectos de religiosidad popular en los sepulcros episcopales en la Castilla de finales de la Edad Media”, Separata de la obra *Religiosidad popular en España*, (1/4-IX-1997).

⁵ Le Goff, *O nascimento do Purgatório*, 18-19.

⁶ *Ibid.*, 242.

⁷ Georges Duby, *O Ano Mil* (Lisboa: Edições 70, 2002), 73.

⁸ Acerca da Liturgia dos Defuntos: Henri Leclercq, *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie* (Paris: Letouzey & Ané, 1907); José Mattoso, *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular* (Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1996); Damien Sicard, *La liturgie de la mor dans l'église latine des origines à la réforme carolingienne* (Munster: Aschendorff Munster, 1978); Mario Righetti, *Historia de la liturgia* (Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1960); Paul F.

Embora demorasse séculos até se tornar um dogma da Igreja, o Purgatório, quando tomado como uma realidade inequívoca, acrescenta a todas as formas de arte não só um novo tema, como obriga à reformulação da representação dos temas religiosos que incluíam nos seus elementos o Céu e o Inferno, assim como a figuração de anjos que retiram as almas do fogo purgatório. Não se observam representações do Purgatório, mas surgem temas como a ascensão da alma sendo recebida pela mão de Deus, indicador de que esta abandonou definitivamente a indefinição do seu destino eterno.⁹

Não é por coincidência que, no século XII, ocorre o ressurgimento da sepultura individualizada. O julgamento individual e a culpabilização individual despoletam a necessidade do crente demonstrar a Deus a sua própria virtude, tentando exaltar as boas obras realizadas em vida e servindo-se do seu próprio túmulo para esse propósito. Mas a possibilidade de evidenciar as virtudes de um bom cristão através de uma peça artística de dimensões consideráveis (que constitui o túmulo) não estava ao alcance de todas as camadas sociais, daí também ser muito importante a localização do sepultamento. O leitor deve ter em conta que muitos dos fenómenos aqui apresentados são típicos da nobreza e do clero, uma vez que possuíam os meios pecuniários para tornar a sua morte memorável.

OS TESTAMENTOS

Os testamentos constituem a base de investigação para o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido nesta temática. Dão testemunho dos pedidos de intercessão pela alma, da localização de sepultamento, de rituais *post mortem* e da construção de capelas privadas.

No período medieval, a importância do testamento é de tal ordem que se transforma num acto religioso obrigatório imposto pela Igreja. O testamento pretende cumprir com dois objectivos: organizar a vida familiar e assegurar um local no Céu através do pagamento temporal.¹⁰

Alguns dos testamentos analisados na obra *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1269-1349)* referem a instituição de capelas, como os de Nicolau Peres e de D. Pedro Távora.¹¹ Sabe-se que Nicolau Peres “Instituiu (em Lamego, 21 de Setembro de 1299) com o acordo da sua mãe D. Maria Domingues, a capela de Santa Marinha na Sé, por sua alma e de seus pais, composta por dois capelães e com serviço diário. Dotou-a com diversos bens móveis e imóveis, além de 600 libras para a compra de mais propriedades”.¹² D. Pedro Peres de Távora “Instituiu, em 1300 (3 de Maio, Lamego), a capela de Santa Maria Madalena na Sé, composta por dois capelães com serviço diário (...) instituiu a capela de S. Pedro na igreja de S. João de Távora”.¹³

A instituição de uma capela determinava a realização de um serviço desempenhado por capelães para efectuarem os rituais do *post mortem*. Delega-se a celebração de missas e orações à família ou a pessoas que lhes deviam um agradecimento especial.

Caso exemplar é o de D. Gonçalo Pereira que, no documento de instituição da capela funerária, determina exactamente o que pretende para os rituais de zelo pela sua alma e que tipo de pessoas devem ser os capelães que procederão aos actos paralitúrgicos. Também, não deixou ao acaso, o local onde as luzes devem ser colocadas no inte-

Bradshaw, Lawrence Hoffman, eds, *Two Liturgical Traditions. Life cycles in Jewish and Christian worship*, (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1996. vol. IV).

⁹ Mário Jorge Barroca, “Cenas de Passamento e de Lamentação na Escultura Funerária Medieval (séc. XIII-XV)” *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol.14. (1997).

¹⁰ Marta Cendón Fernández, M. Dolores Barral Rivadulla, “Donantes e Promotores: su imagen en la plástica gótica gallega” *Cultura, poder y mecenazgo Semanata*, (1998), nº10: 391-393.

¹¹ Anísio Miguel de Sousa Saraiva, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1269-1349)* (Leiria: Edições Magno, 2003).

¹² *Ibid.*, 243.

¹³ *Ibid.*, 302.

rior da capela, a sua quantidade e os períodos em que estas devem estar acessas. Indica que a capela deve ser abastecida de cera, incenso e vinho, suficientes para um ano.¹⁴

As fórmulas habituais dos testamentos de clérigos são compostas por invocação de santos, indicação das suas funções, local de sepultamento e, por vezes, a organização das suas exéquias, organização do plano material, asseveração da intercessão dos vivos pela sua alma. É comum solicitar-se a intercessão de Cristo e Maria para que os seus pecados sejam perdoados e sirvam de advogados de defesa no Juízo final.¹⁵

A PROXIMIDADE COM O DIVINO:

TUMULATIO AD SANCTOS E TUMULATIO APUD ECCLESIA

A ligação íntima que se acreditava existir entre Deus e os mártires reporta para o tema da topografia do sepultamento, pela vontade/necessidade dos crentes em receberem último destino na proximidade dos locais de deposição dos mártires ou das suas relíquias.

Os cristãos dos primeiros séculos, apesar de ainda receberem sepultura nos mesmos cemitérios dos pagãos, procuraram com grande afincamento serem tumulados junto a São Pedro e a São Paulo e outros santos menos antigos.¹⁶ Acreditavam que a proximidade com os santos e mártires eliminava os seus pecados. Os mártires e os santos ascendiam directamente ao Reino de Deus, sem passar por qualquer tipo de julgamento e considerava-se que os seus pedidos eram atendidos com maior celeridade por Deus. Como explica Philippe Ariès, esperavam estar situados nas imediações da irradiação de uma “centelha do divino”.¹⁷ Este fenómeno foi designado por *Tumulatio ad Sanctos* – pela proximidade com a qual as pessoas se faziam tumular perto dos santos – e persistiu durante toda a Idade Média. Este hábito foi comum e mesmo algo massivo no interior dos espaços religiosos, até ao momento em que a Igreja impôs restrições (que a própria não cumpre), passando a ser apanágio do clero e da alta nobreza.

Uma vez que as barreiras mentais e físicas entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos foram abolidas, manteve-se o sepultamento nas imediações dos espaços sagrados, criando-se assim o cemitério similar aos actuais – um espaço de enterramento de mortos junto à Igreja designado por *Tumulatio apud ecclesiam*.¹⁸

Até agora, registam-se preocupações específicas, nomeadamente as que estão sob o controlo do crente e que passam pela localização e apresentação da última morada. Sob o domínio do crente está também a expressão da sua devoção, não no domínio material, mas religioso – a experiência religiosa sem mediadores. Para além das orações, há determinados rituais a cumprir para que o cristão tenha uma ‘boa morte’.

A LITURGIA DOS DEFUNTOS

Os livros designados por *Ordines Romani* são meios importantes e úteis para o conhecimento da formação e evolução da liturgia. São textos que recolhem toda a informação necessária para a programação e execução próprias de uma celebração litúrgica – com indicações ou guia das mesmas e descrição dos ritos sagrados. M. Andrieu dá-nos a edição crítica de todos os *Ordines Romani* conhecidos.¹⁹ O *Ordo XLIX* é dedicado à liturgia da morte com directrizes para as funções litúrgicas. Os *Ordines Romani* apresentam rituais de exéquias divididos nos seguintes grupos: os ritos funerários em casa, como a preparação do corpo, a sua colocação no féretro, assim como as antífonas e salmos que acompanham estes procedimentos; o cortejo ou procissão que se desenrola

¹⁴ Maria Helena da Cruz Coelho, “O arcebispo D. Gonçalo Pereira: Um querer, um agir” in IX Centenário da dedicação da Sé de Braga Congresso Internacional. Actas. Braga: Universidade Católica Portuguesa; Faculdade da Teologia de Braga; Cabido metropolitano e primacial de Braga (1990). pp.444-462.

¹⁵ Fernández, “La muerte mitrada”, 155-178.

¹⁶ Mario Righetti, *Historia de la liturgia*, p. 972.

¹⁷ Philippe Ariès, *O Homem perante a Morte* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988), 41-45.

¹⁸ Ariès, *O Homem perante a Morte*, 53-56.

¹⁹ Damien Sicard, *La liturgie de la mort dans l'église latine des origines à la réforme carolingienne*. (Munster: Aschendorff Munster, 1978); Michel Andrieu. *Les Ordines Romani du haut moyen âge* (Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniense Administration, 1956. Vol.4).

até ao templo cristão onde se celebram as exéquias mais os salmos e as antífonas; o serviço litúrgico na Igreja; a colocação no túmulo com outro cortejo de salmos e antífonas.²⁰

Este *Ordo* estipula rituais desenvolvidos na presença do moribundo, tais como cantar salmos e responsórios, ler a Paixão, a imposição da extrema-unção, a administração do *viaticum*²¹ e a *commendatio*²² da alma.

Na Igreja, os rituais traduzem-se no serviço da Palavra e da Eucaristia. O serviço da Palavra é composto por leituras da Escritura, orações, hinos, salmos e sermão. As variações regionais no serviço da palavra prendem-se na escolha dos salmos e das passagens da Escritura.

O *Ordo* dá primazia ao cerimonial. Os diferentes *Ordo* eram expressão de um conjunto de comunidades locais e *a posteriori* da Igreja Romana, nelas encontrando-se os mais antigos elementos da Liturgia Romana. O quadro comparativo em anexo na obra de Sicard esquematiza os passos de alguns *Ordo*, de forma a se poder comparar as pequenas variações entre eles.

Ao observar os *Ordos*, ainda não se pode falar de uma liturgia concreta nos moldes que se concebe mais tarde, a partir do Concílio de Trento. Todos eles apresentam o *Viaticum* como gesto essencial.

No caso particular da Península Ibérica, até ao século XI vigorou a liturgia hispânica que coexistiu e acabou por ser substituída pela liturgia romana através da influência de Cluny.²³ No caso específico de Braga, os monges cluniacenses do Mosteiro do Pombeiro ao longo do dia oravam várias vezes pelos defuntos: “celebravam-se as Vésperas, as Vésperas de Nossa Senhora e dos defuntos”.²⁴

O grande feito de Cluny foi a instituição do Dia dos Fiéis defuntos, no dia 2 de Novembro, que aprofundou a ligação entre o mundo dos vivos e o domínio dos mortos. Refere José Mattoso, “O interesse dos monges por este tipo de culto revela-se também pela frequência com que rezam o ofício divino dos defuntos (...) como se eles pretendessem ser os intérpretes privilegiados do culto dos mortos”.²⁵

A IMPORTÂNCIA DA EUCARISTIA E DO VIATICUM

A Eucaristia era o sacramento mais importante na Idade Média e o *viaticum* funcionava como a última participação no mistério da Eucaristia em vida administrada ao moribundo. Os liturgistas procuraram a sua fundamentação na Bíblia: Evangelho de João (JO 6, 54) – Jesus diz que aqueles que comerem a Sua carne e beberem o Seu sangue erguer-se-ão no último dia. A Eucaristia é instituída aquando da realização da Última Ceia, comunhão partilhada por Cristo e os Apóstolos. A comunhão da Eucaristia acompanha toda a vida do crente e é-lhe administrada nos seus derradeiros momentos em vida. Este sacramento continua a ser comemorado no *post-mortem* através das celebrações dos vivos, sobretudo no *Dies Natalis*.²⁶

Segundo Karen B. Westerfiel, a explicação da associação da Eucaristia aos ritos funerários pode ser procurada na apropriação cristã dos costumes judaicos e pagãos.²⁷ Sem dúvida, este factor terá sido uma influência. Mas a autora continua: “celebration of the Eucharist could, symbolically or in actuality, benefit the soul of the departed, mass

²⁰ A. G. Martimort, *La Iglesia en oración. Introducción a la liturgia* (Barcelona: Ediciones Herder, 1987), 808.

²¹ *Viaticum*: provisão para a (última) viagem.

²² Significa que se encomenda a alma a Deus.

²³ Maria Joana Corte-Real Lencart e Silva, “O Costumeiro do Pombeiro. Uma comunidade beneditina no séc. XIII.” (Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995), pp.35-37.

²⁴ *Ibid.*, 105-107.

²⁵ José Mattoso, “Liturgia Monástica e Religiosidade Popular na Idade Média” *Religiosidade Popular. Estudos Contemporâneos*, 15, (1984).

²⁶ O dia da morte é considerado o dia do nascimento para uma vida eterna.

²⁷ Karen B. Westerfield, “Christian rituals surrounding death” in *Two Liturgical Traditions. Life cycles in Jewish and Christian worship*, ed. Paul F Bradshaw, Lawrence Hoffman, 205, (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1996, vol. IV).

for the dead was not only offered as part of the funeral liturgy, but regularly repeated thereafter”.²⁸

Constatou-se que a Tumulária medieval nacional apresenta por diversas vezes as figuras de Cristo e dos Apóstolos. Iremos analisar adiante estes dois exemplos: o túmulo de D. Rodrigo Sanches e o túmulo de D. Gonçalo Pereira. Estes estudos de casos reforçam o conceito da Comunhão como sacramento de assistência à morte, pois o falecido coexiste perpetuamente com os intervenientes dos criadores da Eucaristia.

A respeito do *viaticum*, há uma cena extremamente importante – parte integrante de um dos melhores programas iconográficos nacionais – que constitui o túmulo de D. Pedro em Alcobaca. No facial dos pés foram representadas duas cenas da boa morte do rei e numa delas observa-se a administração do *viaticum*.

Deve tomar-se em conta vários factores: o medo da profanação do corpo; o medo da profanação do túmulo; a necessidade de preservar o corpo para o dia do Juízo Final; os fenómenos da *Tumulatio ad Sanctos* e da *Tumulatio apud ecclesia*; a penetração do bestiário no imaginário medieval – criaturas que poderiam perturbar a paz;²⁹ o medo do além e dos demónios com ele relacionado. Todos estes factores explicam o cuidado iconográfico com o túmulo e o carácter apotropaico dessas séries iconográficas.

MONUMENTOS FUNERÁRIOS

Em termos práticos, estes fenómenos traduzem-se plasticamente em manifestações artísticas funerárias - caso do túmulo de D. Rodrigo Sanches no Mosteiro de São Salvador de Grijó.³⁰ D. Rodrigo era filho de D. Sancho I e de Maria Pais, irmão de D. Constança Sanches e tio de D. Afonso III. Morre em 1245. Só recebe tumulação monumental anos mais tarde, por vontade da sua irmã. “O altar mandado por construir por Dona Constança Sanches para a sepultura do irmão tinha o título de Santa Maria”.³¹

O túmulo de D. Rodrigo Sanches apresenta um jacente bastante estático, que demonstra as dificuldades técnicas das primeiras incursões da figuração humana na tumulária. Foi imortalizado com indumentária e acessórios de homem de armas. É protegido por uma profusão de querubins aos pés e dois que ladeiam as duas almofadas sob a cabeça.

O arcaz, do qual só se pode observar um dos faciais, por se encontrar embutido em arcossólio, é decorado com uma série iconográfica de Cristo e os Apóstolos. Ao centro, a figura de Cristo Pantocrator, sentado e envolvido pela mandorla, possui vestígios de um atributo que se supõe que teria sido um globo terrestre. A representação de Deus Filho é enquadrada em moldura rectangular. Nos espaçamentos dos cantos formados pela moldura e pela mandorla estão representados cada um dos evangelistas pertencentes ao tetramorfo. Há seis figuras do lado esquerdo e sete do lado direito. Sabe-se que são os Apóstolos. No entanto, há uma figura a mais. Esta figura, na extremidade direita, que aparenta ter na cabeça resquícios daquilo que foi uma coroa,³² é frequentemente atribuída ao programa iconográfico do facial da cabeça. Esta inserção de uma figura não identificada no programa de outro arcaz que se desconhece é demasiado precipitada, sobretudo porque se encontra inserida no facial visível do arcaz. O túmulo, actualmente, está bastante danificado pela passagem do tempo – foi exposto às condições climáticas e sujeito a actos de vandalismo – mas ainda assim é possível discernir o que parecem ser atributos iconográficos em alguns dos apóstolos: uma vieira³³ e algo que poderão ser as pegadas de duas chaves.³⁴ Observando este túmulo com mais atenção,

²⁸ Ibid., 206.

²⁹ Jacques Le Goff. *O Maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval* (Lisboa: Edições 70, 1991).

³⁰ Imagem geral do túmulo no fim do texto.

³¹ Livros do Tombo do Prior D. Afonso Esteves e das Campanhas do ano de 1365. António Domingues de Sousa Costa. *O Mosteiro de São Salvador de Grijó*, (Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó, Vila Nova de Gaia, 1993), 42.

³² Ver imagens no fim do texto.

³³ Ver imagens no fim do texto.

³⁴ Ver imagens no fim do texto.

apercebemos-nos de que um dos suportes que seguram o arcaz é um capitel invertido, provavelmente reaproveitado da fábrica medieval do mosteiro.

D. Constança Sanches, irmã de D. Rodrigo Sanches, encomendou o túmulo, o que nos permite estabelecer a sua datação entre 1245 e 1269, altura em que morre. D. Constança foi monja do Convento das Donas de Coimbra e, por isso, estaria em contacto com a Liturgia própria dos Defuntos. Já foi apontada aqui a sua preocupação na construção de um altar, mas também nesse mesmo altar “após a morte dela, devia ser dita uma missa de defuntos pela sua alma e de seu irmão ali sepultado”³⁵ e “os cónegos deviam acender todos os dias uma lâmpada”.³⁶ Há uma nítida preocupação por parte da religiosa em perpetuar um ritual *post mortem*, tendo em conta as preocupações com o Além próprias da época.

Não se sabe até que ponto o programa iconografado do facial tenha ficado inteiramente nas mãos do artista, regendo-se pelas modas da altura ou se terá tido consultadoria da monja. É lógico que se insere na tipologia e gosto da altura. O que se constata é que segue as linhas de representação relacionadas directamente com o sacramento da Eucaristia e com cariz apotropaico.

Nos faciais da cabeça e dos pés nota-se a presença de figuração que não permite ser alvo de análise devido à proximidade com as paredes do arcaz. O facial da direita, tendo em conta que estamos perante uma obra com alguns traços românicos, supõe-se que estabeleça simetria com o facial que a ele se opõe.

O arcaz assenta sobre sete pés e nenhum lhe pertence; são reaproveitamentos, entre os quais capitéis góticos do século XV. Num deles (reaproveitamento de um capitel gótico), podem ver-se duas figuras.³⁷

Dentro da mesma linha, mas seguindo uma evolução temporal, apresenta-se o túmulo de D. Gonçalo Pereira.³⁸ Foi bispo de Évora, bispo de Lisboa e arcebispo de Braga. Morreu a 22 de Setembro de 1348.

O túmulo situa-se no centro da capela de Nossa Senhora da Glória, na Sé Catedral de Braga mandada construir pelo próprio para alojar o seu monumento funerário. Esta colocação da obra no espaço religioso possibilita a observação dos quatro faciais: o apostolado com Cristo Pantocrátor ao centro;³⁹ na face oposta, a do apostolado, o coro de capelães e “moços” que velavam pela sua capela;⁴⁰ no facial da cabeça, Cristo crucificado ao centro, ladeado pela mãe e por S. João;⁴¹ no facial dos pés, a Virgem com o Menino ao colo, enquadrada por dois anjos.⁴² Esta representação dos clérigos que zelarão pela alma do defunto representam um momento de prática devional que se reflecte ao nível artístico e que cumpre com o objectivo de um zelo perpétuo nos rituais de *post-mortem*.

Para este estudo, atribui-se relevo ao facial do apostolado para se estabelecer a continuidade e evolução cronológica de uma mesma série iconográfica. Mas também são importantes as figuras intervenientes na perpetuação da liturgia do tumulado. Sendo este túmulo posterior ao de D. Rodrigo Sanches, nota-se o aperfeiçoamento da técnica, que se traduz num jacente mais naturalista e num maior refinamento das figuras do arcaz e no seu enquadramento. No túmulo de D. Rodrigo Sanches, observam-se os apóstolos enquadrados por arcadas bastante simples, enquanto no túmulo de D. Gonçalo Pereira é observável uma maior qualidade nas micro-arquitecturas que separam cada uma das imagens.

Em termos comparativos, dentro da mesma linguagem constata-se um aprimoramento da técnica que resulta numa maior beleza das figurações, e uma evolução esti-

³⁵ Costa, *O Mosteiro de São Salvador de Grijó*, 42.

³⁶ *Ibid.*, 43.

³⁷ Ver imagens no fim do texto.

³⁸ Ver imagens no fim do texto.

³⁹ Ver imagens no fim do texto.

⁴⁰ Ver imagens no fim do texto.

⁴¹ Ver imagens no fim do texto.

⁴² Ver imagens no fim do texto.

lística, no sentido em que as séries iconográficas são também conceptualizadas para integrar numa só obra metas individuais do defunto, metas consanguíneas relacionadas com a família e metas sociais, tendo em conta que o jacente é representado como um arquétipo de uma camada social, embora a sua individualização se vá tornado crescente.

Inserida no grupo das manifestações artísticas funerárias medievais, mas num registo tipológico completamente diferente, apresenta-se a lâmina sepulcral em bronze em forma de livro de horas de Frei Estêvão Vasques Pimentel, no Mosteiro de Leça do Balio. Esta peça encontra-se na capela do Ferro, contígua à capela-mor, embutida na parede sob a campa rasa do religioso. É uma obra extremamente rica em profusão iconográfica, como se pode observar na imagem⁴³ que ajuda a clarificar e descodificar todo o ínfimo pormenor de um programa iconográfico tão intrincado. A placa contém o epitáfio do defunto.

É outra peça que foi feita com uma preocupação litúrgica na qual há vários níveis: a forma em livro de horas é a forma mais imediata da caracterização da liturgia – causa um impacto visual imediato; o epitáfio atribui uma intenção funerária à peça, nele é feita a descrição e apologia da vida do falecido; possui, também, uma série de figuras de carácter apotropaico, como anjos e santos. Mais uma vez, está presente Cristo e o Apostolado ao centro, a Trindade à esquerda e a Anunciação à direita.

Na base, foi representado o tetramorfo, os brasões de Portugal e o brasão do religioso. Vê-se ainda uma cruz de oito pontos e um centauro guerreiro – símbolo da ordem dos Hospitalários.

Entre os temas representados na arte funerária medieval, integram-se aqueles que parecem emular a realidade ou uma realidade pretendida. Assiste-se à representação de momentos da liturgia dos defuntos, como a administração do *viaticum* e a extrema-unção no túmulo do rei D. Pedro I, mas também de cenas de um mundo não visível onde se figura o destino da alma.

⁴³ Ver imagens no fim do texto.

Imagem 1.
Túmulo de D.
Rodrigo
Sanches.
Fotografia da
autora.



Imagem 2. Pormenor do túmulo de D. Rodrigo Sanches.
Figura com coroa na extremidade direita do facial visível.
Fotografia da autora.



Imagem 3. Pormenor do túmulo de D. Rodrigo Sanches.
Figura com vieira ao peito.
Fotografia da autora.



Imagem 4. Pormenor do túmulo de D. Rodrigo Sanches. Capitel gótico reaproveitado como pé. Fotografia da autora.



Imagem 5. Imagem do túmulo de D. Gonçalo Pereira. Fotografia por Arpels.

Imagem 6. Facial da cabeça do arcaz tumular de D. Gonçalo Pereira. Fotografia de José Raeiro.



Imagem 7. Facial dos pés do arcaz tumular de D. Gonçalo Pereira. Fotografia de José Raeiro.

Imagem 8. Facial lateral do arcaz tumular de D. Gonçalo Pereira. Fotografia de José Raeiro.



Imagem 9. Facial lateral do arcaz tumular de D. Gonçalo Pereira. Fotografia de José Raeiro

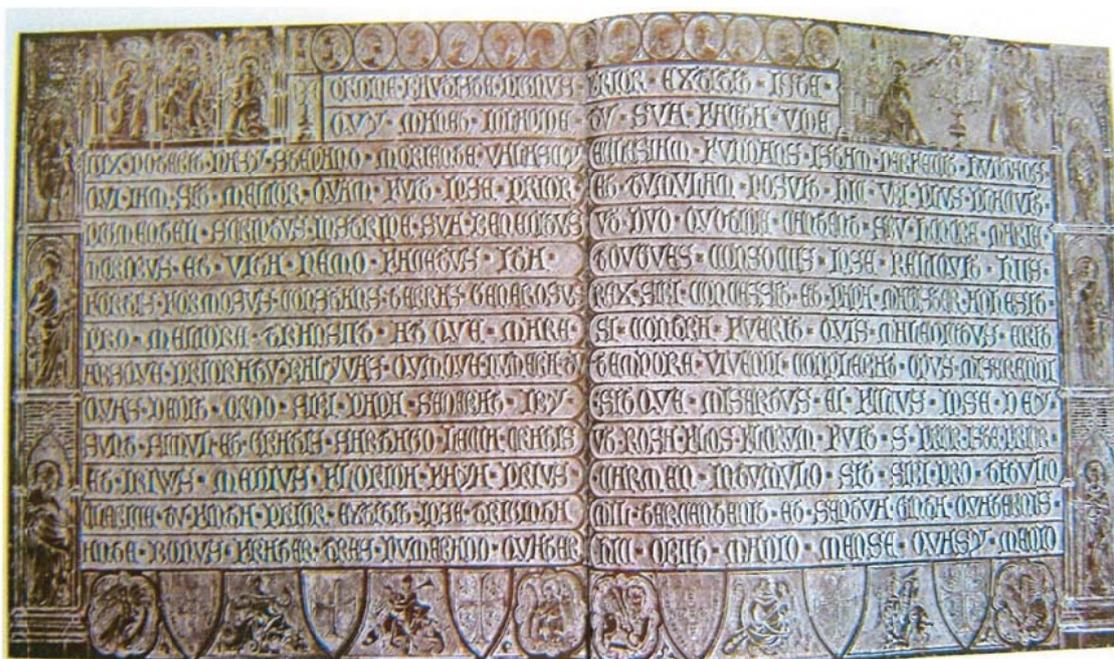


Imagem 10. Lâmina sepulcral do religioso Estêvão Vaques Pimentel. Imagem extraída de MONTEIRO, Manuel – *Igrejas Medievais do Porto*. Porto: Marques Abreu, 1954.



Imagem 11. Vista parcial da Capela do Ferro onde se encontra a lâmina sepulcral. Fotografia por Manuel Coutinho.